

social

O TEATRO MUDA A HISTÓRIA DE PACIENTES DE CÂNCER QUE PASSARAM A ATUAR DEPOIS DA DOENÇA

Nos palcos da vida

“O s palcos me fizeram renascer.” É dessa forma que a procuradora legislativa Daniele Centeno, de Porto Alegre, define o que representou o teatro em sua vida. Em 2010, aos 32 anos, mesmo sem qualquer histórico familiar, ela recebeu o diagnóstico de câncer na mama esquerda e precisou enfrentar uma mastectomia radical. “O câncer, para mim, sempre foi uma sentença de morte. Não conhecia, nem tinha ouvido falar, na época do meu diagnóstico, de pessoas que haviam se curado e estavam bem, levando uma vida normal”, relata.

A percepção da doença e de si começou a mudar quando Daniele entrou para o grupo

de teatro OncoArte, também na capital gaúcha, formado por mulheres que passam ou passaram por tratamento de câncer. “O teatro faz com que a gente se despoje das nossas vestes do dia a dia e das nossas personalidades. Quando assumimos uma personagem de força, garra e fé, nos tornamos super-heroínas, até para nós mesmas. Somos, ao mesmo tempo, o palco e a plateia”, descreve, ressaltando também o aspecto social da experiência, que ela define como “um sopro de vida”. “Os palcos, os encontros, os desabafos, as risadas, a

Divulgação



O “OncoArte” viaja pelo Rio Grande do Sul e já se apresentou até em Minas Gerais



“As Adametes”: teatro, música e perucas rosas

Divulgação



O “Saindo da Toca” valoriza a expressão corporal

Divulgação



A atriz Maria Marlene, a mastologia Thereza Cypreste e a presidente da Adama, Teresa Gianelli

convivência, tudo tira o foco dos problemas e, assim, motiva e inspira a alma.”

Com idade para ser mãe de Daniele, Maria Marlene Emiliano, de 64 anos, é uma das primeiras atrizes do grupo Saindo da Toca, fundado em 2000, na Associação dos Amigos da Mama (Adama), de Niterói (RJ), pela atriz e diretora de teatro Cristine Cid, que morreu da doença três anos depois. Servidora pública aposentada desde os 44, por causa do câncer de mama, Maria Marlene, que já interpretou até personagem masculino, expressa o que o teatro vem fazendo por ela nestes 18 anos.

“Quando você tem um câncer, a sua vida muda radicalmente de uma hora para outra. Antes, eu não fazia nada além de ir para o trabalho e cuidar da casa e dos filhos. Estar no palco é uma sensação de alegria, ainda mais vendo as pessoas felizes. Não que a

“O teatro faz com que a gente se despoje das nossas vestes do dia a dia e das nossas personalidades. Os palcos, os encontros, os desabafos, as risadas, a convivência, tudo tira o foco dos problemas e, assim, motiva e inspira a alma”

DANIELE CENTENO, procuradora legislativa e atriz do “OncoArte”

gente não sinta tristeza, mas fazer o outro sorrir é o que mais faz bem. A gente sai fortalecida”, garante. Maria Marlene teve câncer na outra mama há seis anos e um infarto há três, mas não deixou o Saindo da Toca e ainda ajudou a criar As Adametes, grupo musical da associação.

Segundo a fisioterapeuta oncológica Iara Rodrigues da Silva, que há 12 anos criou o OncoArte, o teatro melhora os movimentos corporais, a desenvoltura e a autoestima da paciente. “O objetivo é contribuir para o retorno dessas mulheres às suas atividades diárias, resgatando também sua imagem, identidade feminina, sensualidade e seu universo mulher”, diz Iara, coordenadora e autora de todas as peças montadas pelo grupo.

Quem concorda com a fisioterapeuta é a mastologista Thereza Cypreste, fundadora, há 21 anos, da Adama, que reúne semanalmente mulheres que têm ou tiveram câncer de mama. “O grupo Saindo da Toca tem a proposta de ser um espaço de expressão corporal e de sentimentos. Percebemos que a arte de encenar leva a mulher a outra dimensão de vida. Por meio da representação, elas assumem vários personagens, e isso pode ter papel importante no processo da cura, pois, a partir do momento em que incorporam um personagem e percebem que estão influenciando positivamente alguém, veem que existe um mundo lá fora, às vezes, muito pior do que o delas. A sensação de estar melhorando a vida de alguém empodera a mulher após um câncer de mama”, afirma a médica.

“Quase sempre a mulher chega aqui ainda sob o impacto do resultado da biópsia e vê um monte de mulheres que passaram pelo mesmo problema, festejando alguma coisa, fazendo teatro, cantando. A experiência positiva de outras pacientes ajuda muito”, acrescenta a aposentada Teresa Gianelli, presidente

“Estar no palco é uma sensação de alegria, ainda mais vendo as pessoas felizes. Não que a gente não sinta tristeza, mas fazer o outro sorrir é o que mais faz bem. A gente sai fortalecida”

MARIA MARLENE EMILIANO, servidora pública aposentada e atriz do “Saindo da Toca”

da Adama, ela mesma diagnosticada com câncer de mama há 22 anos.

VENCENDO A TIMIDEZ

A empresária Marta Giroto, de 48 anos, relata benefícios físicos e psicológicos do teatro. Ela pratica artes cênicas desde 2014, quando entrou para o OncoArte, após o diagnóstico de câncer de mama. “Ajudou na minha postura e nos movimentos do braço. Além disso, a alegria e o companheirismo que temos no grupo são inexplicáveis. A sensação de estar no palco, antes de mais nada, é de superação”, define.

No entanto, o maior ganho proporcionado pelo teatro, para a empresária, foi o autoconhecimento. “No início eu estava um pouco reticente em participar, pois sempre fui muito tímida, mas aquelas mulheres, que passaram pelas mesmas incertezas e medos que eu, me acolheram com tanto carinho e atenção que eu logo me conectei com elas. Com o passar do tempo, isso despertou em mim uma nova alegria de viver, e eu consegui vencer minha inibição. Acho que, na verdade, o grupo ajudou a aflorar aquela mulher que estava escondida há muito tempo.”

Hoje uma das mais atuantes no teatro do Grupo de Apoio à Mulher Mastectomizada (Gamma), de Salvador, a dona de casa Cleonice Rosário dos Santos, de 55 anos – diagnosticada com câncer em 2008, mesmo ano em que retirou uma das mamas –, também quase foi bloqueada pela timidez. Mas, assim como aconteceu com Marta, as

As peças do “Gamma” abordam temas como superação e beleza feminina



Divulgação

“O objetivo é contribuir para o retorno dessas mulheres às suas atividades diárias, resgatando também sua imagem, identidade feminina, sensualidade e seu universo mulher”

IARA RODRIGUES DA SILVA, fisioterapeuta oncológica e criadora do “OncoArte”

colegas a ajudaram a vencer esse e outros problemas. “Logo após a cirurgia, tive uma depressão muito severa. Conversei com uma psicóloga, ainda no leito, e em seguida fui encaminhada para o Gamma. No início eu só chorava, não tinha ânimo para interagir, mas as voluntárias e as colegas foram se aproximando, e eu comecei a fazer teatro. Com as apresentações em vários lugares e um apoio

muito grande de todas, superei a depressão, fui recuperando minha autoestima e perdi a vergonha de me apresentar. Já interpretei vários personagens”, revela, orgulhosa.

O Gamma, que existe desde 1985, é um dos diversos grupos de voluntários da Liga Bahiana Contra o Câncer (LBCC), instituição filantrópica mantenedora do Hospital Aristides Maltez (HAM), da capital baiana. Lá, as atividades teatrais começaram em 1999 e ganharam impulso a partir de 2003, com a chegada do professor Ney Wendell, que montou os primeiros espetáculos “com temas abordando a mulher na sua resistência, suas dores e superação, mas, principalmente, a beleza feminina”, como explica a coordenadora de voluntários da Liga, Maria de Fátima Pereira, que é terapeuta, facilitadora de biodança e formada em Filosofia.

Entre 2003 e 2013, o grupo encenou sete peças reunindo teatro, música e dança no Auditório do HAM e também no Teatro dos Correios. O público normalmente é formado por familiares e amigos das pacientes. Mesmo sem um professor de teatro atualmente, o Gamma, que ensaia uma vez por semana numa casa anexa ao Hospital Aristides Maltez, não está parado.

LEVEZA E SORRISOS DE CRIANÇA NO HOSPITAL

Inspirado no conhecido grupo de atores Doutores da Alegria, a Cia do Riso é formada por jovens estudantes de Enfermagem e outras faculdades da Universidade de São Paulo (USP), em Ribeirão Preto. Por meio do teatro clown, fazem sorrir crianças e adolescentes internados com câncer ou outras doenças no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da cidade do interior paulista. Clown significa palhaço, mas no teatro pode ser um bobo ou personagem caracterizado de forma extravagante.

Com 23 anos de atividade, o grupo tem muitas histórias para contar. É o que atesta a enfermeira Regina de Lima, professora titular do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem da USP em Ribeirão Preto e coautora do projeto “A arte do teatro clown no cuidado às crianças hospitalizadas”, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

“Há evidências empíricas de que a Cia do Riso transforma o ambiente hospitalar, tornando-o mais interessante para a criança, o adolescente, sua família e a equipe de saúde, pois traz para esse espaço elementos que fazem parte da vida cotidiana, inclusive o riso e a alegria”, garante Regina. “Para os alunos envolvidos no projeto, a experiência de elaboração da simbologia do cotidiano hospitalar traz benefícios, na medida em que possibilita associar ao conteúdo teórico-prático a criatividade, a sensibilidade, a arte, a estética e o lúdico”, acrescenta.

A história da Cia do Riso começou em 1995, quando alunas de graduação da Escola de Enfermagem decidiram realizar um trabalho baseado na proposta dos Doutores da Alegria, que desenvolveram uma oficina para preparar as futuras enfermeiras-palhaços. As atividades da companhia acontecem duas vezes por semana, com duração média de três horas. Hoje, participam 20 pessoas, entre bolsistas e voluntários.

“São atendidas, aproximadamente, 40 crianças ou adolescentes e seus familiares a cada dia. A Cia do Riso trabalha de forma especial algumas datas, como carnaval, festa junina, Páscoa, Natal e Dia das Mães, dos Pais e das Crianças. As atividades são planejadas em conjunto com a psicopedagoga responsável pela recreação da Clínica Pediátrica do Hospital das Clínicas”, conta Regina.



“As voluntárias assumiram o trabalho, fazendo um pequeno musical, no qual algumas pacientes falam brevemente da sua trajetória. Depois, dançam, em grupos, uma música para cada um. No fim, cantam *Uma Nova Mulher* [de Paulo Debétio e Paulinho Rezende, tema da personagem Tonha da novela *Tieta*], gravada pela cantora Simone. O objetivo do musical é mostrar a superação e, claro, trabalhar a autoestima delas”, relata Maria de Fátima.

TALENTOS MUSICAIS

A música também tem papel de destaque para As Adametes, “um subgrupo do Saindo da Toca”, segundo Thereza. São sete integrantes, também pacientes ou ex-pacientes oncológicas, que cantam, dançam e encenam, tendo como complemento da indumentária uma peruca rosa. “As apresentações levam orientações sobre diagnóstico precoce do câncer de mama e cuidados após a cirurgia. As participantes se tornaram pessoas muito mais alegres e com a sensação de que realmente estão sendo úteis para a população, já que o público gosta muito dos espetáculos”, destaca a médica.



O mesmo vale para o OncoArte. Os espetáculos escritos e dirigidos por Iara – que, antes de enveredar pela fisioterapia, foi atriz, dançarina e professora de teatro e dança – são musicais, com um tema específico de motivação por ano, apresentados em congressos, seminários e locais e eventos ligados à saúde. O grupo ainda participa de um chá anual de pacientes oncológicos – um sarau artístico promovido pela própria coordenadora. Os ensaios são numa escola particular e numa clínica de oncologia de Porto Alegre, e os espetáculos acontecem em várias cidades do Rio Grande do Sul. Uma exibição do grupo, que já se apresentou em Minas Gerais, chegou a reunir 3 mil pessoas.

Quem também acumula uma boa bagagem nos mais diversos palcos é o Saindo da Toca, que se apresenta pelas ruas de Niterói e em empresas e associações de diferentes segmentos, no município e em outros do Estado do Rio, incluindo a capital. Thereza ressalta que a repercussão da campanha Outubro Rosa, principalmente nas redes sociais, está fazendo os dois grupos da Adama trabalharem mais nos últimos anos.

“Antes, ninguém queria falar de câncer, mas com o Outubro Rosa, o Facebook e a repercussão dos eventos ligados a essa campanha, todo mundo passou a querer. Lugares que nunca haviam nos chamado agora nos convidam”, conta a médica, citando desde empresas de ônibus à Bolsa de Valores do Rio de Janeiro. “Só em outubro passado, fizemos 21 apresentações, até mesmo em locais onde a plateia era quase toda masculina”, comemora.

Segundo Iara, o público assimila as apresentações do OncoArte como uma lição de vida. “Nós encaramos o nosso trabalho como uma missão, que cumprimos com muita dedicação. Amamos o que fazemos. É muito gratificante.” ■

PARA SABER MAIS

Adama

<http://adama.org.br>

OncoArte

<http://www.oncoarte.com.br>

LBCC/Gamma

<http://www.lbcc.org.br/voluntariado.php>

Cia do Riso

<https://ciadoriso.weebly.com>